



FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

(Portugal, 1938-2007)

[Thursday 1 January 2004]

Fiamma Hasse Pais Brandão was born in Lisbon in 1938. Not only a poet, she was also a playwright, fiction writer, translator and essayist.

Fiamma Hasse Pais Brandão wrote theatre reviews, worked with the Arts Faculty Theatre Group, and in 1964 she trained at the Porto Experimental theatre. She attended a seminar on the theatre of Adolfo Gutkin at the Gulbenkian in 1970. In 1974 she co-founded the group “Teatro Hoje” (Theatre Today), where she made her debut as a director with the play *Marina Pineda* by Garcia Lorca.

Through translations from German, English and French, she contributed towards the diffusion in Portugal of authors such as John Updike, Bertold Brecht, Antonin Artaud, Novalis and Anton Chekhov. In addition, she did some historical and literary research on Portugal in the 16th century. She has also been acclaimed for her translation of the biblical Song of Songs. Like other poets of her generation, Fiamma Hasse Pais Brandão actively participated in the 'Poesia 61' movement, which revolutionised Portuguese poetic language and she served as one of the leading voices of contemporary Portuguese poetry.

POEMS

DAYTIME SONG
LISBON IN THE FOG
MIDDAY
ON THINGS
SONG OF GENESIS
SONG OF PLACES
SONG OF THE FRANCISCAN CANTICLES
THE VOICE OF THINGS

Daytime Song

Love drinks its cup in silence
and is sorrow while it waits.
It imagines desire suddenly
and slowly gazes at the Other's gaze.
To know is to love, said divine
Plato or another ancient philosopher.
But how trace in the shade
of a screen of light the profile
of your absent face
if, in the daytime of our love,
memory makes it more forgotten?

When March brings me the new flower
that wordlessly opens its corolla,
I compare it to the love that erupts
in the pupil of a gaze in light and shade.
If every womb is blessed, even more
the womb of Spring and birds and flowers
in heat. Desire has also
imagined the wordless tongue,
that of the sound of poems and the Song.

This daytime Love is in the body
and in one another, like bread broken
at the banquet of the silent guests
who break it singly and with the others.
No absent thing partakes of it
when time's seasons, after Spring,
pass by us and stop
at the long table set for Summer.
Here all is presence, and time is the day.

Canto Diurno

No silêncio bebe a sua taça
e é dor o amor enquanto espera,
imagina o desejo de repente
e lentamente olha o olhar do Outro.
Conhecer é amar, disse o divino
Platão ou outro filósofo antigo.
Porém como traçar na sombra
da persiana de luz o esboço
do teu rosto escasso ausente,
se no diurno amor a memória
o faz mais esquecer-se?

Quando Março me dá a nova flor
que abre sem palavras a corola,
eu comparo-a com o amor que eclode
na pupila do olhar em luz e sombra.
Todo o ventre é bendito, tanto
mais o da primavera do cio
de aves e flores. Também o desejo
imaginou a língua sem palavras,
e que é a do som do Canto e dos poemas.

Este diurno Amor está em corpo,
e num e noutro, como o pão partido
no banquete dos convivas silenciosos
que é o de cada um consigo e os outros.
Nenhuma coisa ausente o partilha,
quando as estações do tempo passam
por nós depois da Primavera e param
na longa mesa posta para o Verão.
Tudo é presença aqui, e o tempo é dia.

© 1994, Fiana Hasse Pais Brandão
From: *Cantos do Canto*
Publisher: Relógio D'Água, Lisbon

Lisbon in the Fog

In the fog the city, drunk,
staggers and falls.
Formless, the buildings
lose their place and day.
Attached to nothing,
the walls are menhirs,
ancient and hazy stones
with no beginning, no end.

Midday

The house's inside and outside
are easier to distinguish today
than when a single wave
of liquefied light filled
the common spaces and details
of that place where we lived immersed
in just one kind of living matter.

On Things

Not all things mark time for us
with tenacity, in their halos.
Many hide or do not give back
the thought by which we sought them.
O imagined thing, reflection in water,
O tank containing the history of time,
hour by hour in the four seasons.
You have Winter, Summer and Spring
to show, and perfect, motionless Autumn.
The plum tree and the windstay bush
give you not only images of the Image
but also their fallen petals,

LISBOA SOB NÉVOA

Na névoa, a cidade, ébria
oscila, tomba.
Informes, as casas
perdem o lugar e o dia.
Cravadas no nada,
as paredes são menires,
pedras antigas, vagas
sem princípio, sem fim.

© 2002, Fiama Hasse Pais Brandão
From: *As Fábulas*
Publisher: Relógio d'Água, Lisbon

MEIO-DIA

É hoje mais fácil distinguir
o interior e o exterior da casa
do que quando a única onda
de luz liquefeita preenchia
os espaços e os pormenores comuns
no sítio onde vivíamos imersos
numa só qualidade de matéria viva.

© 1989, Fiama Hasse Pais Brandão
From: *Três Rostos*
Publisher: Assírio e Alvim, Lisbon

Das coisas

Nem todas as coisas marcam para nós
o tempo com tenacidade, nos seus halos.
Muitas ocultam ou não nos devolvem
o pensamento com que as havíamos querido.
Ó coisa imaginada, reflexo na água,
ó tanque que contém a história do tempo,
hora a hora nas quatro estações.
Tens o Inverno, o Verão, a Primavera
e sobretudo o Outono perfeito, tão imóvel.
E o miósporo e a ameixoeira
não só te dão as imagens da Imagem
como te lançam as pétalas soltas

so that the archetype overlies the image.
And not only from the plant kingdom,
O ancient tank, do figures visit your mirror;
fishes, birds and insects pass
in the whole time where you preserve
the signs of the past and present.

So many things have passed, and yet I forget
that we pass, that only this water
enclosed in its circle and flowing
has a mobile and immobile force
that pulls me from age to age.
Steadily gushing, it leaves by the channel
at ground level, spreading over the fields.
And time is spent like water,
which never holds the same mirror
for the images that come and go.

Song of Genesis

In the beginning there was light, then
blue sky, for light is absorbed
in the layers of air we see.
In the beginning was the Passion, and from
its blood sprang the animals, from its
Cross the plants. There was, in the beginning,
the tiny vegetable-animal, hidden
in Paradise but omnipresent
since before the beginning. And the Edenic
earth or clay gave substance to Nature
and Man, bathed by the light
which sculpted lines and hazy shapes.
In the beginning there was the sweat
and blessing of those who work
their body and their bread from sun to sun.
And the fruits gleamed in that light
when the waters separated, and the sea,
to this day, breaks its waves without ceasing
so that I will hear the sound of genesis.

para que o arquétipo tombe sobre a imagem.
E não apenas do reino vegetal as figuras
visitam o teu espelho, ó tanque antigo,
como os peixes, as aves e os insectos
passam, no inteiro tempo em que tu guardas
os sinais do passado e do presente.

Tanta coisa passou sem me lembrar
que passamos, só esta água
parada no seu círculo e a escorrer
tem uma força móvel e imóvel
que me puxa de idade para idade.
Continuamente jorra, e sai pela caleira
rasa ao chão, espalhada nos terrenos.
E o tempo vai-se gastando como a água
que nunca tem em si o mesmo espelho
para as imagens vindas e perdidas.

© 1994, Fiamas Hasse Pais Brandão
From: *Cantos do Canto*
Publisher: Relógio D'Água, Lisbon

CANTO DOS GÉNESIS

Ao princípio era a luz, depois o céu
azul porque a luz se embebe
nas camadas de ar que olhamos.
Ao princípio era a Paixão e engendrou
do seu sangue os animais, da sua
Cruz as plantas. Era, ao princípio,
o animal-vegetal minúsculo, oculto
no Paraíso, mas omnipresente
desde o ante-princípio. E da argila
ou da terra adâmica formou-se a Natureza
e o Homem, banhados pela luz
que recortou linhas e volumes vagos.
Ao princípio era o martírio
e a bênção daquele que trabalha
o seu corpo e o seu pão de sol a sol.
E os frutos fulguraram nessa luz
quando as águas se apartaram
e o mar, até hoje, quebra e requebra a onda
para eu ouvir o som do início.

© 1995, Fiamas Hasse Pais Brandão
From: *Cantos do Canto*
Publisher: Relógio d'Água, Lisbon

Song of Places

Since places so often live in Man
and men so often live in places
that live in them, we can say
that Socrates' jail, since Socrates
was in it, wasn't a jail,
as Seneca said in a letter to Helvia.

And so each place shows us
a clear and boundless life,
while Time goes back and forth, concealing
that it is brief and ambiguous,
the giver of death and life.

And a place only ends
because the man is mortal
in whom the place lived.

Song of the Franciscan Canticles

The Franciscan song has already sung
the brotherhood between me and chaos,
for its singing of ordered harmony
preceded my song in which Nature
is the child of disorder and diversity.
I worshiped the God of lambs and fields,
of flower-lined paths, of the teeming sea,
and where there were signs of accord
and the presence of the four seasons
ruled by the melodious spheres,
I saw the echoes of the various radiations.
My ear hears in the Universe
the galaxies' broken phrases.
The whispers from thickets of wild
roses used to rise up to Him,
while on the earth's paths
his way sang in Everything.
Here I sing the loss of the spirit
of St. Francis praising the full day
and the gain of daily uncertainty
and the anguish that soothes us
as if we didn't even deserve to keep

CANTO DOS LUGARES

Tantas vezes os lugares habitam no Homem
e os homens tantas vezes habitam
nos lugares que os habitam, que podia
dizer-se que o cárcere de Sócrates,
estando nele Sócrates, não o era,
como diz Séneca em epístola a Hélvia.

Por isso cada lugar nos mostra
uma vida clara e desmedida,
enquanto o Tempo oscila e nos oculta
que é curto e ambíguo
porque nos dá a morte e a vida.

E os lugares somente acabam
porque é mortal cada homem
que houve em si algum lugar.

© 1995, Fiama Hasse Pais Brandão
From: *Cantos do Canto*
Publisher: Relógio d'Água, Lisbon

Canto dos Cânticos Franciscanos

O franciscano canto já cantou
a irmandade entre mim e o caos,
pois cantando a ordenada harmonia
antecedeu meu canto em que a Natureza
é filha da desordem e do diverso.
Adorei o Deus dos cordeiros e campos,
dos carreiros floridos, do mar farto,
e onde estavam os traços da concórdia
e o haver das quatro estações,
regidas pelas esferas melodiosas,
eu vi os ecos das várias radiações.
O meu ouvido escuta no Universo
as frases entrecortadas das galáxias.
Outrora até Ele vinham os sussurros
dos silvedos das rosas singelas,
enquanto pelas veredas da terra
cantava o seu caminho pelo Todo.
Eu canto aqui a perda do espírito
de Francisco no louvor do dia pleno
e o ganho da incerteza diária
e da angústia que nos aquietam
como se nem tivéssemos merecido

the Letter according to the spirit.

And the wagtails sing and nest
along the trodden roads of old
where once they saw the troubadour
travel and sing in Time
although it seemed like Space.
I imitate the verses in praise of place,
for I know that space is unknown
and time has the measure of life.
It was in time that the three kingdoms
of living Nature reached me,
and the stone sings its stony sound
when it cracks and rolls and shatters.

conservar a Letra segundo o espírito

E as arvéolas cantam e nidificam
nos antigos percorridos caminhos
quando viram passar o trovador
a andar e a cantar no Tempo
embora parecesse o Espaço.
Imito os versos que louvam o lugar,
porque sei que o espaço é ignoto
e o tempo tem a medida da vida.
Foi no tempo que chegaram até mim
os três reinos da Natureza viva,
e a pedra canta o seu som de pedra
quando estala e rola e quebra.

© 1993, Fiama Hasse Pais Brandão
From: *Cantos do Canto*
Publisher: Relógio D'Água, Lisbon

The Voice of Things

Only the wind's gusts
give lyrical sound
to the windmill's sails.

Only things touched
by the love of other things
have a voice.

DA VOZ DAS COISAS

Só a rajada de vento
dá o som lírico
às pás do moinho.

Somente as coisas tocadas
pelo amor das outras
têm voz.

© 2002, Fiama Hasse Pais Brandão
From: *As Fábulas*
Publisher: Relógio d'Água, Lisbon

BIBLIOGRAPHY

Publications

Morfismos in Poesia 61 [Morphisms in Poetry 61]. Faro : ed. de autor, 1961
Barcas Novas [New Ships]. Lisbon: Ulisseia, 1966
(Este) Rosto [(This) Face]. Lisbon: Iniciativas Editoriais, 1969
O Texto de Joan Zorro [The Text of Joan Zorro]. Oporto: Inova, 1974
Novas Visões do Passado [New Visions of the Past]. Lisbon: Assírio e Alvim, 1975

Homenagem à literatura [Homage to Literature]. Oporto: Limiar, 1976
Melómana [Music-Mad]. Oporto: Inova, 1978
Área Branca [White Sand]. Lisbon: Arcádia, 1979
Âmago I [Core 1]. Oporto: Limiar, 1975
F de Fiama (Personal Anthology) [F For Fiama]. Lisbon: Teorema, 1986
Três Rostos [Three Faces]. Lisbon: Assírio e Alvim, 1989
Obra Breve [Brief Works]. Lisbon: Teorema, 1991
Cantos do Canto [Song of Songs]. Lisbon: Relógio d'Água, 1995
Epístolas e Memorandos [Epistles and Memoranda]. Lisbon: Relógio D'Água, 1996
Cenas Vivas [Living Scenes]. Lisbon: Relógio D'Água, 2000
As Fábulas [The Fables]. Lisbon: Relógio D'Água, 2002
Contos da imagem [Short stories about the image], Lisbon: Assírio & Alvim, 2005
Noites de Inês-Constança [Nights of Inês-Constança], Lisbon: Assírio & Alvim, 2005
Em cada pedra um voo imóvel e outros textos, [In every rock a still flight and other texts], Lisbon: Assírio & Alvim, 2009

Translated publications

German

In *Portugiesische Lyrik des 20 Jahrhunderts* (Deutscher Taschenbuch Verlag, 1993)
In *Sammstag um Acht* (1997)

Spanish

In *Los Nombres del Mar* (Regional de Extremadura, 1985)

French

In *Poésie portugaise 1960-1990* (Leuvense Schrijversaktie, 1991)
In *Vingt et un poètes pour un vingtième siècle portugais* (L'Escampette, 1994)

English

In *Contemporary Portuguese Poetry* (Carcenet Press, 1988)
In *Literary Olympians* (USA, 1997)
In *Anthology of Magazine Verse* (USA, 1997)

Italian

In *Gli Abracci Feriti* (Feltrinelli, 1980)

Servo-Croatian

In *Antologija suvremenoga portugalskog pjesništva* (Ceres, 1999)

Hungarian

In *Mai Portugal Koltok* (Budapest: Ibisz, 2000)

Latvian

In *Portugalu Musdienu Dzejas Antologija* (Riga: Minerva, 2001)

Links

[DGLAB](#) The Portuguese Ministry of Culture's General Directorate for Book, Archives and Libraries